

## O MITO DO SANTO GRAAL NO ROMANCE *ABISMO*, DE CARLOS RIBEIRO<sup>38</sup>

*Hadassa Andrade Cordeiro*<sup>39</sup>

*Celso Kallarrari*<sup>40</sup>

### RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é analisar o discurso religioso do mito do Santo Graal em *Abismo*, de Carlos Ribeiro. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: i) selecionar, na leitura da obra em questão, se há — e, em havendo, quais — marcas linguísticas e alusivas ao discurso mítico do Santo Graal no romance, cuja primeira leitura aponta para a presença de elementos religiosos; ii) verificar como se processam os elementos do discurso religioso da narrativa do Santo Graal, as marcas, propriedades e funções do discurso religioso e quais suas estratégias argumentativo-persuasivas na narrativa investigada; e iii) analisar como a recorrência alusiva e do intertexto e discurso bíblicos ao longo da narrativa interfere na mensagem literária, sendo, por isso, desconstruída e reconstruída do seu sentido original. A análise se apoia nos estudos sobre o Discurso Religioso de Orlandi (1996, 2001), sob a ótica da Análise de Discurso de linha francesa, no Discurso Literário (MAINGUENEAU, 2005, 2018), no conceito de dialogismo e suas manifestações no texto literário (BAKHTIN, 2014); de Kristeva (2005), nas considerações sobre intertextualidade (KRISTEVA, 2005), e na interdiscursividade (PÉCHEUX, 1997), e, ainda, sobre os estudos acerca das Ciências da Religião (ELIADE, 1992, OTTO, 2007, CROATTO, 2001). O mistério do Graal pode ser interpretado na obra como o conhecimento, e, mais especificamente, o autoconhecimento. Essa interpretação revela a marca da pós-modernidade na abordagem da experiência religiosa em *Abismo*, sendo caracterizada pela individualidade e subjetividade desconstrução da ideia de uma tradição religiosa pura, ou um caminho único para o sagrado.

### Palavras-chave:

Santo Graal, Análise de Discurso, discurso religioso, *Abismo*, Carlos Ribeiro

---

<sup>38</sup> Este artigo faz parte das pesquisas produzidas no projeto de Iniciação Científica “Religião e Literatura: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos”, que teve início no ano de 2020, sob a orientação do Professor Dr. Celso Kallarrari da Universidade do Estado da Bahia - *Campus X* e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

<sup>39</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus X* e orientanda em Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: [hadassa.cor@gmail.com](mailto:hadassa.cor@gmail.com)

<sup>40</sup> Professor titular no curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) do Departamento de Educação (Campus X) da Universidade do Estado da Bahia. Membro dos Grupos de Pesquisas: Religião, Cultura e Sociedade e Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. Email: [ckallarrari@uneb.br](mailto:ckallarrari@uneb.br)

### **ABSTRACT**

Our objective in this article is to analyze the religious discourse of the myth of the Holy Grail in the *Abismo*, by Carlos Ribeiro. Therefore, the following specific objectives were outlined: 1) to select, in the reading of the work in question, if there are — and, if so, which — linguistic marks and allusive to the mythical discourse of the Holy Grail in the novel, whose first reading points to the presence of religious elements; 2) verifying how the elements of religious discourse in the narrative of the Holy Grail are processed, the marks, properties and functions of religious discourse and what are their argumentative-persuasive strategies in the investigated narrative; and 3) analyze how the allusive recurrence and the biblical intertext and discourse throughout the narrative interfere in the literary message, being, therefore, deconstructed and reconstructed from its original meaning. The analysis is based on studies on the Religious Discourse of Orlandi (1996, 2001), in the Literary Discourse (MAINGUENEAU, 2005, 2018), in the perspective of the French Discourse Analysis, on the concept of dialogism and its manifestations in the literary text (BAKHTIN, 2014); by Kristeva (2005), in considerations on intertextuality (KRISTEVA, 2005), and on interdiscursiveness (PÊCHEUX, 1997), and also on studies about the Sciences of Religion (ELIADE, 1992, OTTO, 2007, CROATTO, 2001). The Grail mystery can be interpreted as knowledge, and more specifically, self-knowledge. This interpretation reveals the mark of postmodernity in the approach to the religious experience in *Abismo*, being characterized by individuality and subjectivity, deconstructing the idea of a pure religious tradition, or a unique path to the Holy.

### **Keywords**

Holy Grail, Discourse Analysis, religious discourse, Abyss, Carlos Ribeiro

## **1 Introdução**

A relação entre religião e literatura pode se dar por diferentes meios. Citamos, aqui, duas maneiras: na presença de elementos religiosos em obras literárias não religiosas e/ou nas características literárias de um texto sagrado e na função compartilhada da literatura e da religião de interpretar a realidade. Magalhães (2009) se dedica ao estudo de cada uma dessas relações em sua obra *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*<sup>41</sup>, e ressalta essa última forma na seguinte afirmação:

São elas (as palavras) também que fazem repousar em si a proximidade e a distância da verdade. Essa verdade que está próxima, mas ao mesmo tempo se mantém tão protegida das tentativas de dominação, é o objeto do esforço

---

<sup>41</sup> Livro da série Religião e Literatura, premiado na categoria Religião no Prêmio Jabuti em 2001.

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

teológico de ser um discurso coerente no mundo. Ao falarmos da verdade, falamos de Deus e de nossa experiência com o mistério doador de nossas vidas. A literatura é companheira desse diálogo e dessa busca. (MAGALHÃES, 2009, p. 25)

Neste sentido, a experiência literária se aproxima da experiência religiosa, por se constituir como uma interpretação da realidade. De fato, tanto na literatura quanto na arte em si não há como separar a verdade e a beleza, porque é justamente na afinidade entre ambas que a literatura consegue trilhar, a passos precisos, no caminho da compreensão do mundo. No caso específico do gênero romance, em comparação com o conto e a poesia, as relações nele estabelecidas são muito mais complexas, pois Magalhães (2009) o considera como "o ponto de partida do diálogo, visto que ele corresponde a uma maior gama de comportamentos sociais e psíquicos do ser humano", porque a ficção uma transgressão da realidade, levando em consideração que a linguagem literária é marcada pelo símbolo, perceptível não apenas por meios de metáforas, mas como um avanço sobre o mundo real" (p. 95), de modo que

o critério que determina a pertinência ou importância teológica de uma obra não é a presença de palavras como Deus ou Igreja em sua narração, nem a presença do papa de padres como personagens, mas sim a amplitude de profundidade com a qual a problemática humana é abordada nessa obra, mesmo se a religioso aí não está presente explicitamente. (MAGALHÃES, 2009, p. 97)

A experiência literária se aproxima da experiência religiosa, por se constituir como uma interpretação da realidade. Em *Abismo*, por exemplo, a busca pela verdade que une a experiência religiosa e a criação literária ganha destaque filosófico-existencial desde o início da narrativa. Além disso, por se tratar de uma obra contemporânea, é possível, através da leitura do romance, compreender aspectos do sentimento religioso no contexto histórico atual, afinal a experiência religiosa passa por modificações que são refletidas na criação literária, como afirma Dusilek (2017), ao dizer que "é na história que a religião se desenvolve, guardando valores, resguardando tradições e reformulando suas percepções e convicções, e toda essa gestação vem à luz pela linguagem e ganha especial contorno na literatura" (p. 173).

Dusilek (2017) também ressalta a importância da literatura para se entender uma gradual revelação de Deus, ou uma gradual percepção do homem sobre Deus:

A realidade é espaço também para a revelação. Não só o que do divino é alcançado pelo ser humano, mas também aquilo que é mostrado e que tem uma parte ainda obscurecida pela incapacidade de melhor compreensão. *A revelação por ser aqui percebida como algo que acontece na realidade e cujo retrato da experiência humana se dá pela literatura abrange multiformes conceitos e percepções que produzem ao longo do tempo um mosaico sobre Deus.* (DUSILEK, 2017, p. 173, grifo nosso)

Assim, a leitura de *Abismo* nos auxilia a compreender, dentro da literatura contemporânea, traços da noção sobre Deus e sobre a experiência religiosa pós-moderna, retratada na jornada do personagem. Sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD), ressalta-se a relevância social do estudo do texto literário, com o olhar direcionado para o discurso religioso presente no mesmo.

Nosso objetivo neste artigo é analisar o discurso religioso do mito do Santo Graal em *Abismo*, de Carlos Ribeiro. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) selecionar, na leitura da obra em questão, se há — e, em havendo, quais — marcas linguísticas e alusivas ao discurso mítico do Santo Graal no romance, cuja primeira leitura aponta para a presença de elementos religiosos; 2) verificar como se processam os elementos do discurso religioso da narrativa do Santo Graal, as marcas, propriedades e funções do discurso religioso e quais suas estratégias argumentativo-persuasivas na narrativa investigada; e 3) analisar como a recorrência alusiva e do intertexto e discurso bíblicos ao longo da narrativa interfere na mensagem literária, sendo, por isso, desconstruída e reconstruída do seu sentido original. A análise se apoia nos estudos sobre o Discurso Religioso de Orlandi (1996, 2001), sob a ótica da Análise de Discurso de linha francesa, no conceito de dialogismo e suas manifestações no texto literário (BAKHTIN, 2014); de Kristeva (2005), nas considerações sobre intertextualidade (KRISTEVA, 2005), e na interdiscursividade (PÊCHEUX, 1997), e, ainda, sobre os estudos acerca das Ciências da Religião (ELIADE, 1992, OTTO, 2007, CROATTO, 2001).

Dessa forma, faremos uso da abordagem qualitativa, amparada na pesquisa bibliográfica dos estudos linguísticos, literários e religiosos, com foco na presença do discurso religioso no romance em questão, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

[...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

### **2 Discurso e Análise do Discurso**

É necessário, primeiramente, compreender de antemão a noção de *discurso* empregada nesta pesquisa, já que o termo, em sentido vago e amplo, pode se referir a qualquer produção de linguagem (MUSSALIM, 2012). Um risco — o qual Orlandi (2001) procura nos prevenir, dentro dos estudos linguísticos — é o de confundir *discurso* com *fala*, no rumo dos estudos de Saussure e sua dicotomia língua/fala. Assim, temos outra dicotomia: língua/discurso, explicada, inicialmente, por Pêcheux (1995):

Dizemos que esses dois elementos (a um só tempo, fenômenos linguísticos e lugares de questões filosóficas) pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais: o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*: a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos. (p. 91, grifos do autor)

As últimas linhas desse trecho afirmam a *ideologia* como fator essencial do conceito de discurso. No uso da língua, aquilo que é ideológico, socialmente construído, não-natural, reproduz mecanismos dos processos científicos e soa como absoluto, óbvio, natural. Essa característica da noção de discurso tem o objetivo de nos fazer desconfiar da língua, ou melhor, da ilusão de realidade e objetividade da língua.

Orlandi (2001) faz outra distinção importante, dessa vez, entre o conceito de *discurso*, na perspectiva da AD, e o conceito de *mensagem*, presente no tradicional esquema elementar da comunicação. Para esta autora, o discurso não se constitui simplesmente como a transmissão de uma informação, de forma linear, em uma sequência como: alguém fala sobre algo usando um código e alguém recebe a mensagem e a decodifica. Além disso, a própria função da linguagem de comunicar é questionada. “A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são

relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí sua definição de discurso: o discurso é o efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2001, p. 21).

Outra possível definição proposta por Orlandi (2001) é a de discurso como a prática da linguagem, o elemento mediador da língua e da ideologia. Essas frases curtas dificilmente são concepções completas para discurso, mas são complementares. Orlandi (2001) explica que a AD reflete “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (p. 16), por isso, os estudos da Linguística e das Ciências Sociais se encontram na AD, que não considera suficiente o estudo isolado do primeiro ou do segundo campo, para se alcançar e investigar o que é definido como *discurso*. Os locutores são sujeitos que interpretam e significam as palavras e a realidade empírica, pois os sentidos extraídos dessa interação dependem da relação dos locutores com o mundo, com suas subjetividades, com o contexto histórico e imediato etc. Desse modo, Orlandi retoma a afirmação de Pêcheux (1975), qual seja “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 21). Existe, então, o fator externo ao que é dito, um contexto extralinguístico que interfere no dizer.

Com o discurso literário, o mesmo ocorre. Sobre ele, especificamente, Maingueneau (2005) explica que “considerar o fato literário em termos de ‘discurso’ é contestar esse ponto fixo, essa origem ‘sem comunicação com o exterior’, que seria a instância criadora” (p. 17). Nessa perspectiva, o discurso literário deve ser visto não como criação completamente original que pressupõe ideias originais, mas como expressão ideológica e condicionada, pois,

“Ao falar, hoje, de *discurso* literário, renunciamos à definição de um centro ou um lugar consagrado. As condições do *dizer* atravessam o *dito*, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado ao seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados...)” (MAINGUENEAU, 2005, p. 17, 18, grifos do autor)

De acordo com Maingueneau, em seu livro *Discurso Literário*, apesar de o discurso literário apresentar-se com certa especificidade, ele é

### *Linguagem, Cultura e Ensino*

isolado, ou seja, participa de um plano comum dos “discursos constituintes”. Esta categoria criada por este autor “permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência” (2018, p. 60).

Na visão deste autor,

Quando se trabalha dessa maneira com discurso à primeira vista tão distintos entre si, como o são o discurso religioso, o científico, o filosófico, o literário, etc., e se tem a impressão de que inúmeras categorias de análise são facilmente transferíveis de um para o outro, chega-se naturalmente à hipótese de que há um domínio específico do seio da produção verbal de uma sociedade, tipos de discurso que têm comum algumas propriedades relativas às suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação. (2018, p. 60-61)

Esta pesquisa se concentra, portanto, na análise de um dos “discursos constituintes<sup>42</sup>”, qual seja, o discurso religioso inserido no discurso literário. A manifestação do discurso religioso na literatura pode ocorrer na inserção de elementos específicos das culturas religiosas, ou no uso de traços, marcas e propriedades próprios da estrutura deste discurso, que aparecem na voz do narrador ou de personagens nas obras literárias contemporâneas.

### **3 Discurso Religioso**

O discurso religioso é definido por Orlandi (1996) como aquele em que fala a voz de Deus, sendo uma de suas propriedades o desnivelamento hierárquico entre o locutor (Deus) e o ouvinte (os homens). A autora retoma as percepções de Althusser (1974) sobre a ideologia religiosa cristã como exemplo da estrutura formal de qualquer ideologia. Um dos termos centrais dessa sistematização é a noção de sujeito. Existe, no DR, um Sujeito por excelência - Deus -, o único que tem o poder de nomear e que não pode ser nomeado, e os sujeitos submetidos à sua autoridade. De fato, entende-se que a noção de sujeito é dupla: a de ser sujeito e a de assujeitar-se. Os indivíduos assujeitados não exercem liberdade alguma, a não ser a de aceitar sua submissão.

---

<sup>42</sup> “Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso”, porque somente um discurso que se constitui ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte com relação a outros discursos” (MAINGUENEAU, 2018, p. 60-61).

### **3.1 Propriedades e marcas do discurso religioso**

Orlandi (1996) faz distinção entre propriedades e marcas do DR. As propriedades dizem respeito à totalidade desse discurso e à sua relação com exterioridade; as marcas, por sua vez, dizem respeito ao funcionamento interno, à sua organização do DR (PEDROSA, 2007). Como propriedade desse discurso temos a *não-reversibilidade* entre os planos temporal e espiritual, isto é, a impossibilidade de trocar as posições dos sujeitos (Deus e homens), devido ao desnivelamento hierárquico — propriedade mencionada anteriormente. Assim, fala-se em nome de Deus, pela *ilusão de reversibilidade*, ou seja, pela ideia de que é possível a passagem do plano temporal para o espiritual, para que seja possível a comunicação entre o Sujeito e os sujeitos. Outra propriedade associada a essa é a não-autonomia do representante que fala em nome de Deus, em relação ao próprio Deus, e a não-apropriação do lugar de fala divino. O representante é sempre um porta-voz.

Essas propriedades podem se revelar nos textos em marcas do DR como o uso de antíteses, que ressaltam a oposição entre as características da dimensão divina e a dimensão humana. As marcas do DR apresentadas por Orlandi (1996) também incluem o uso do imperativo e vocativo; o uso de metáforas, acompanhadas por paráfrases; as citações em latim; o uso de performativos; e o uso de sintagmas cristalizados. Em *Abismo*, essas marcas estão presentes em diversos trechos que compõem o tom religioso da obra e serão explorados nas análises.

Além disso, o discurso literário no gênero romance sempre retoma outro(s) discurso(s), em seus sentidos, conteúdo ou forma. Essa característica está associada aos conceitos de dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade.

### **4 Dialogismo, Intertextualidade e Interdiscursividade**

Bakhtin (2014), em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, destaca que toda enunciação é constituída como uma resposta a outras enunciações, e está inevitavelmente vinculada aos demais atos de fala que são anteriores a ela, além de estar imbricada, de forma antecipada, às enunciações

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

que virão depois. Logo, qualquer enunciado deve ser estudado não somente através de seus aspectos intralinguísticos e coesivos, mas também pelas interferências externas que compõem seu sentido, de modo que o dialogismo é inerente à produção de todo discurso. Por sua vez, o discurso literário, especificamente, se destaca como espaço propício para o exercício do dialogismo, pois nele é possível, no ato da escritura, apropriar-se de textos anteriores (discursos de outrem), seja para absorver, desconstruir ou reconstruir seus sentidos, estabelecendo um diálogo contínuo entre diferentes vozes.

Barros (2003) resume a concepção de Bakhtin sobre o dialogismo como “o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso”. No discurso literário, especialmente, o dialogismo se torna mais explícito. De acordo com a ótica de Bakhtin (2010), o romance se projeta para o discurso-resposta, cujo dialogismo encontra-se interiormente na própria concepção de objeto do discurso:

A dialogicidade interna do discurso romanesco exige a revelação do contexto social concreto, o qual determina toda a sua estrutura estilística, sua 'forma' e seu 'conteúdo', sendo que os determina não a partir de fora, mas de dentro; pois o diálogo social ressoa no seu próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam eles de 'conteúdo' ou de 'forma' (BAKHTIN, 2010, p. 106).

Lopes (2003) ressalta que, nos estudos de Bakhtin, “é importante perceber que o cerne da questão só se atinge quando se considera a linguagem em seu aspecto dialógico, na relação ‘fundamentalmente social e histórica’ da interlocução” (p. 65). Dessa forma, o romance não se limita nem se esgota em si mesmo, sendo constituído por múltiplos caminhos, linguagens e vozes, em uma relação dialética com a sociedade. Ele é marcado, portanto, pelo dialogismo e pelo intertexto.

O termo intertextualidade ganhou notoriedade no Ocidente, a partir dos estudos de Julia Kristeva que discute o texto literário à luz das teorias de Bakhtin. Kristeva (1967, p. 439, apud FIORIN, 2014, p. 163) explica, respaldada no dialogismo de Bakhtin, que o discurso literário “não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras”. Nessa perspectiva, apesar de Bakhtin não fazer uso do termo intertextualidade, esse conceito se insere na sua concepção de relações dialógicas. Pode-se pensar ainda na definição de Charaudeau e Maingueneau (2016) para intertextualidade como uma

propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante de interdiscursividade (p. 288, grifos dos autores).

A noção de interdiscursividade, na ótica de Pêcheux, propõe que o discurso carrega mais do sócio-histórico do que do individual. Todo discurso sofre interferência de outros discursos e é constituído por eles. A originalidade do dito é sempre questionável, já que se fundamenta sempre na memória discursiva, no *já-dito*. Nem sempre se percebe como um discurso é reproduzido no texto, porque “os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus ‘suportes’” (PÊCHEUX, 1997, p. 311).

## **5 O discurso religioso do mito do Santo Graal em Abismo**

### **5.1 O autor e a obra**

Carlos Jesus Ribeiro<sup>43</sup> é um escritor contemporâneo baiano, tendo nascido em Salvador, em 19 de agosto de 1958. É jornalista, ficcionista e doutor em literatura pela Universidade Federal da Bahia. É autor de catorze livros, entre eles, *Já vai Longe o Tempo das Baleias*, *Chapada Diamantina*, *O Homem e o Labirinto*, *O Chamado da Noite*, *O Visitante Noturno*, *Abismo*, *Lunaris*, *Um século de jornalismo na Bahia – 1912/2012* e *Rubem Braga: um escritor combativo – A outra face do cronista lírico*.

O *Dicionário de Escritores Contemporâneos da Bahia* (YESHUA, 2015, p. 73) destaca que Carlos Ribeiro, além da divulgação científica, participou de expedições à Antártida, Amazonas e diversas reservas naturais brasileiras. Foi repórter do Jornal *A tarde* e assessor do Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia e do Projeto História Oral dos Bairros de Salvador (ambos pela Fundação Cultural do Estado da Bahia). Atualmente, é membro da Academia de Letras da Bahia e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB/Cachoeira.

---

<sup>43</sup> No site do escritor, <http://www.carlosribeiroescritor.com.br/>, encontram-se mais informações a seu respeito.

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

Percebemos, portanto que algumas experiências da vida do autor transparecem em seus romances, de modo especial a temática expedições (uma vez que o personagem-protagonista de *Abismo* se encontra em uma viagem ao cânion do Itaimbezinho) e o jornalismo, sendo o personagem principal de *Abismo*, um jornalista. No entanto, quanto à relação do autor com o lugar onde se passa a viagem do personagem, o próprio Carlos Ribeiro insere a informação, entre as notas ao final do romance, de que o local onde acontece o enredo de *Abismo* só foi visitado por ele em 2002, depois da escrita do romance. Desse modo, percebemos na leitura do texto sua habilidade de descrição jornalística, unida à criatividade ficcional.

### **5.2 Relações dialógicas, intertextuais e interdiscursivas**

Nas notas do livro, o autor indica também as fontes sobre alguns intertextos, como o *Hino a Áton* e as informações relativas ao Santo Graal, colhidas em grande parte do livro *Caminhos do Graal* (1987), de Patrick Rivière. Essa informação é importante para a pesquisa, porque busca justamente a relação dialógica com outros textos, em especial, de natureza ou temática religiosa.

Existe mais de uma interpretação sobre o que seria o Santo Graal. Algumas, que se apropriam do discurso bíblico e cristão, afirmam se tratar do cálice que Jesus Cristo utilizou na Última Ceia com seus discípulos, narrada em Mateus 26, Marcos 14, Lucas 22, João e 1 Coríntios 11. Na versão cristã do mito, o cálice teria sido usado também para colher o sangue de Jesus. Outra interpretação que retoma o discurso bíblico é a de que o Santo Graal seria a esmeralda verde de Lúcifer, que teria se transformado depois em uma taça, sendo uma das nove pedras preciosas que ele teria recebido antes de sua queda, conforme o que está escrito no livro do profeta Ezequiel:

Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. (Ezequiel 28:13)<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Essa passagem é direcionada ao príncipe de Tiro, mas é comum a interpretação teológica de que ela se refere também a Satanás.

O Santo Graal é também mencionado na literatura celta e continuou presente em obras de grande relevância, a exemplo de *O Código da Vinci*, de Dan Brown, que assume a interpretação polêmica de que o Santo Graal não seria um objeto, mas uma pessoa: Maria Madalena, com quem Jesus Cristo teria se casado e tido filhos, segundo histórias extrabíblicas. Essa versão é curiosa, porque ela dá origem a uma linhagem sagrada, já que a família de Jesus teria sido protegida no Sul da França, onde seus filhos teriam se casado na família real dos merovíngios. Meroveu se tornou, então, o fundador da misteriosa linhagem real francesa<sup>45</sup>. Dentro da literatura ficcional, o mito do Graal ganhou mais visibilidade quando foi inserido nas histórias sobre o rei Arthur, principalmente nas obras do escritor francês Chrétien de Troyes, como *Perceval* ou *O Conto do Graal*, conforme destaca Mongelli (2013):

[...] é preciso distinguir *Perceval* ou *O Conto do Graal*, por duas razões: não só Chrétien morre antes de concluir o texto que propõe um enigma, como também adiciona ao arturiano outro mito não menos poderoso, o do Graal. No primeiro caso, apareceram depois numerosas "continuações", todas procurando ou propondo uma "resposta" à pergunta que Perceval deixou de fazer quando, ao adentrar o castelo do Rei Pescador, viu o cortejo solene: "A quem serve o Graal?"; no segundo, a tradição celta de um "caldeirão ou vaso da abundância", essencialmente ligado à ideia de fartura e de alimentação, ou seja, o Graal (de gradalis, prato), veio para ficar na mitologia de Arthur, ensejando o motivo da "busca" - talvez a mais duradoura e simbólica das heranças cavaleirescas. (p. 4)

O discurso acerca do Santo Graal recorre às formações imaginárias das narrativas tradicionais quando o narrador apresenta a ideia de que o Santo Graal representa o conhecimento, pois, na relação discursiva, as imagens exercem diferentes posições. Essa concepção apresenta uma "ideologia do conhecimento" semelhante à ideologia gnóstica, de caráter filosófico e místico, que propõe o alcance dos significados e das verdades divinas. O discurso gnóstico está presente nos enunciados de *Abismo*, o que pode ser demonstrado na fala da personagem Professor Ricardo, quando este discursa acerca do objeto do discurso (O Santo Graal), a partir do acionamento da memória, ou seja, do saber-discursivo, daquilo que já fora dito: "A posse do

---

<sup>45</sup> Informações retiradas do documentário *O Santo Graal: Em Busca do Tesouro Sagrado*. **History Channel Brasil** (2018).

### *Linguagem, Cultura e Ensino*

Graal representa, portanto, o resgate desse conhecimento sagrado e dessa tradição primordial que permanece oculta” (RIBEIRO, 2004, p. 67).

Em outra passagem, podemos identificar novamente o discurso gnóstico: “— Exato! — exclamou o professor, subitamente entusiasmado. — Absolutamente certo! As portas estão em nós mesmos, mas para abri-las temos que buscar a chave” (RIBEIRO, 2004, p. 44). Essa ideologia do conhecimento afirma que o conhecimento (a *gnose*) pode ser alcançado no encontro do ser humano com seu próprio *eu*. No ser humano estão “as portas”, porque, segundo os gnósticos, em cada homem existe uma centelha divina, uma parte da Unidade Divina (DAS NEVES, 2011). Neste sentido, compreender as verdades divinas pressupõe conhecer a si mesmo e “buscar a chave” significa entrar na experiência religiosa.

Em *Abismo*, o personagem-narrador, identificando-se com qualquer um de nós, não tem seu nome explícito na obra, e parte numa jornada em busca do Santo Graal. A jornada do personagem acontece no cânion do Itaimbezinho, no sul do Brasil, amparado pelos relatos de que o cálice teria chegado lá, depois de ter passado por muitos lugares ao redor do mundo. Ele inicia a aventura a partir da convocação feita pelo professor Ricardo e sua filha Helena. No entanto, o herói do romance empreende a jornada sozinho. O Santo Graal é citado pela primeira vez no romance no seguinte trecho:

— Mas o que vocês esperam encontrar? — perguntei, aflito com a ideia de ser cooptado para uma aventura que eu não sabia aonde me poderia levar.

O professor Ricardo levantou-se, olhou-me fixamente por alguns instantes e, assumindo uma seriedade que me pareceu excessiva, disse:

— O Santo Graal. Você já deve ter idéia do que se trata.

Consegui, a muito custo, conter o riso.

— O Santo Graal! exclamei. — Não me consta que o lendário cálice sagrado tenha vindo parar no lado de baixo do Equador! Vocês confiam demais na imaginação deste escritor de temas insólitos, mas creiam-me: nós continuamos mais próximos do boto tucuxi e dos deuses africanos do que desses mitos medievais da pérfida Albion. E eu não tenho nenhuma pretensão de encarnar um novo Parsifal! (RIBEIRO, 2004, p. 47)

Primeiramente, destaca-se a incredulidade (evidente no trecho: “Consegui, a muito custo, conter o riso”), marcado, aqui, pela personagem-narrador diante da afirmação do professor. A autoridade do discurso religioso, ressaltada por Orlandi (1996), não atinge de imediato o jornalista, que, a princípio, apresentava-se como incrédulo. Essa é uma característica de muitos relatos ou testemunhos religiosos, como o início do processo de

conversão a uma crença, a partir de uma experiência pessoal com o sagrado. A autoridade do discurso religioso e, nesse caso, o discurso de um mito considerado “ultrapassado”, é provada não a partir da argumentação do professor, mas na própria experiência mística do jornalista, enfatizando assim, a superioridade desse discurso sobre a razão humana e a sujeição final do ser humano ao mito e ao discurso que ele (ou dele se) anuncia.

A presença do Santo Graal é o fator intertextual de maior força no romance, além de ser o principal canal de inserção do discurso religioso na obra (teológico, místico, etc.). Este não se apresenta, unicamente, pelos termos pessoais (Deus, Igreja, padre, pastor, missionário, etc.), mas, conforme nos elucidou Magalhães (2009), no início deste trabalho, a partir da sua amplitude e profundidade “com a qual a problemática humana é abordada”, mesmo que o aspecto religioso não se apresenta explicitamente (p. 97). É por meio da temática religiosa do Santo Graal que diversos trechos de *Abismo* abordam aspectos históricos, simbólicos, míticos e ritualísticos de diferentes religiões. Quando o professor Ricardo narra a trajetória do objeto sagrado e suas histórias em culturas diferentes, o interdiscurso se evidencia, com a união de discursos religiosos diversos:

— O Santo Graal.

O professor abriu o livro e leu pausadamente.

"As tradições mais antigas referem-se a um vaso ou taça que teria sido talhado pelos anjos numa pedra caída do céu, em um tempo imemorial. Seria a *lapis ex coelis*, ou pedra celeste, uma esmeralda caída da fronte de Lúcifer, o portador da Luz, na ocasião da sua queda. Alguns estudiosos associam-na ao terceiro olho de Shiva que na tradição hindu é o símbolo da visão espiritual. Outros a identificam, ainda, como o conhecimento trazido à Terra por seres divinos, descendentes dos anjos, que habitaram uma terra santa em algum ponto do Norte longínquo centro hiperbóreo de Thule ou Avalon. Outras lendas, no Oriente e no Ocidente, referem-se a esses heróis divinos, que teriam desaparecido com sua civilização, sem deixar vestígios. De alguma forma, e por caminhos obscuros, o símbolo dessa civilização teria chegado até nós materializado num objeto sagrado: um recipiente - o mesmo que acolheu o vinho da Santa Ceia e o sangue de Cristo. A posse do Graal representa, portanto, o resgate desse conhecimento sagrado e dessa tradição primordial que permanece oculta." (RIBEIRO. 2004, p. 66, 67)

A narrativa também faz referência aos templários, aos Chumashs (uma etnia indígena), aos frades franciscanos, aos índios guaranis e a Abraxas, um deus-demônio gnóstico, venerado por uma comunidade de

### *Linguagem, Cultura e Ensino*

cristãos dissidentes, e em cujo templo o Santo Graal teria sido guardado, no cânion.

A menção à diversas crenças e culturas, retomados agora de outros contextos, contribuiu para fortalecer a autoridade do discurso acerca do mito do Santo Graal como discurso religioso, por ele ter se tornado um ponto comum entre tradições tão divergentes, assumindo um caráter “universal”. Por esse motivo, a presença do mito do Graal no romance faz a jornada do personagem ser uma representação de outros discursos da experiência religiosa em termos abrangentes, por não se limitar a uma tradição religiosa única. De fato, a busca religiosa pelo sagrado em qualquer época ou cultura se concentra no mito do Santo Graal. No discurso narrativo de *Abismo*, a procura pelo sagrado, no mundo contemporâneo, se dá também através da busca pelo “reencantamento”, ou seja, quando o ser humano consegue recuperar a espiritualidade diante de um contexto de ceticismo e superficialidade. Esta marca ideológica exerce uma função central na narrativa presente nos enunciados do personagem-narrador que será explorada de maneira mais específica no item 5.4.

Em relação às marcas intertextuais no romance, podemos citar o momento em que, antes de encontrar o Castelo no cânion (no qual o jornalista deveria realizar um ritual para compreender o mistério do Graal), o personagem-narrador enuncia uma frase em latim - *Veni spiritus sanctificator*. O fato de as palavras serem em latim e não em português (língua do personagem-narrador) aponta para o valor simbólico de uma língua tradicionalmente litúrgica e, por isso, sagrada. O Padre João Batista Reus, em sua obra *Curso de Liturgia* (1944), apresenta a mesma frase em latim como uma invocação frequente na elevação do cálice durante o momento ofertório da missa. Logo, a frase é tanto um interdiscurso, por retomar o discurso litúrgico-católico, quanto um intertexto, por se tratar de um texto específico, retirado do contexto cerimonial da Santa Missa.

Outro intertexto destacado por nós é o *Hino a Áton*. Depois de encontrar o templo em ruínas, no momento do ritual, o personagem-narrador entoia um hino antigo. Aqui, outra marca do discurso religioso é identificada, pois os versos de hinos tradicionais, assim como as rezas, podem ser caracterizados como a linguagem cristalizada. A linguagem cristalizada, tendo sua forma e conteúdo fixos, é capaz de atravessar gerações preservando seu sentido. Isso é fundamental para a religião, na sua tentativa de se manter

estável e permanente. No hino entoado, o personagem cita Áton, um deus egípcio, e Akhenaton, o faraó, seu filho. De acordo com Silva (2006), Akhenaton teria sido o primeiro faraó monoteísta, que fez com que seu povo adorasse apenas a Áton, o Deus Sol.

O personagem, ao fim do ritual, recebe (ou percebe) a sua autonomia de interpretação sobre suas próprias experiências e sobre sua jornada. Esse era o aprendizado que o herói levaria consigo no seu retorno. No romance *Abismo*, a multiplicidade de interferências externas que constroem o mistério do Graal pode ser comparada à construção da personalidade do personagem que, ao fim do rito, vê as colunas do templo se transformarem em personagens reais e imaginários, que participam de seu conhecimento e experiência no mundo, citando uma série de figuras históricas, cotidianas e fictícias. A descoberta final do protagonista tem relação com a religiosidade na pós-modernidade, que será discutida na última seção das análises. Antes disso, trataremos dos significados do “abismo” em *Abismo*.

### **5.3 O abismo: linguagem simbólica do discurso religioso**

Uma das marcas do discurso religioso elencadas por Orlandi (1996) é o uso de metáforas, como parte da linguagem simbólica da religião. Essa linguagem é caracterizada pela *obscuridade*, que permite diferentes interpretações. O sentido está sempre em aberto, por não ser possível limitar a palavra divina à objetividade de conceitos fechados. Essa particularidade da linguagem religiosa também é estudada por Croatto (2001), que diferencia a metáfora do símbolo, explicando que a primeira é uma comparação, enquanto o segundo é uma trans-significação:

Se digo que Deus "é (como) o Sol", estou fazendo uma comparação na qual os dois termos são conhecidos. Mas se falo de Deus diretamente como o Sol, então o Sol serve-me de "transparência" dos valores vividos da verdade, justiça, iluminação metafísica ou transcendente, que experimento em relação com tal divindade. (CROATTO, 2001, p. 93)

Sendo *Abismo* o título da obra, a metáfora ou símbolo do abismo tem um papel central no discurso religioso presente no romance, pois os “símbolos sagrados”, de acordo com Eliade (1992), têm início na sua

### *Linguagem, Cultura e Ensino*

abordagem do fenômeno religioso através de uma oposição elementar entre *o sagrado* e *o profano*. O mundo natural é a realidade profana, enquanto aquilo que o transcende é o sagrado. Contudo, a manifestação do sagrado (hierofania) ao homem se dá por meio de elementos do mundo natural, seja uma pedra, um monte, um templo, ou ainda, uma pessoa, no caso de Jesus Cristo, para os cristãos. As manifestações do sagrado cumprem a função de dar sentido à realidade natural e estabelecer a ordem, o que leva à uma segunda oposição entre *o cosmos* e *o caos*. O mundo profano, sem a interferência do sagrado, é entendido como desordenado e sem significado, sem causa e sem propósito. É o sobrenatural que cria o mundo, que assume um Centro e organiza todo o espaço à sua volta.

O discurso do Santo Graal é o principal elemento de hierofania no romance. Nessa trajetória, o cenário do abismo tem um papel fundamental. É porque, nele, se fundamenta toda uma peregrinação natural e sobrenatural em busca do Santo Graal, mesmo que o personagem ou o leitor de que dele se identifica tenha que descer ao abismo mais profundo de si mesmo. Segundo Eliade (1992), a natureza é sacralizada na experiência religiosa, em diversos elementos que parecem transparecer atributos do sagrado. O Céu é símbolo de infinitude e transcendência; a pedra, de estabilidade, irredutibilidade e existência absoluta; as fases da Lua, de nascimento, morte e ressurreição etc. O abismo em *Abismo* é símbolo do Mistério, do oculto, do desconhecido. O jornalista-narrador literalmente descia num abismo, afinal, o cenário da jornada é o cânion do Itaimbezinho. Contudo, o valor metafórico ou simbólico do abismo pode ser exemplificado nos seguintes trechos:

“Se um homem resolve lançar-se no abismo, o que importa verdadeiramente é sua decisão e não o tamanho do abismo” (RIBEIRO, 2004, p. 41)

“Tal como Teseu, que entrou no covil do monstro e o matou, encontrando depois o caminho de volta, também eu precisava entrar nas profundezas do mistério que agora me desafiava e encontrar o caminho para uma saída” (RIBEIRO, 2004, p. 60).

A jornada do personagem em *Abismo* é, portanto, uma metáfora que remete à experiência religiosa do ser humano em busca do Mistério, que causa, ao mesmo tempo, fascínio e terror, retomando as considerações de Otto (2007) sobre o sagrado. A abordagem de Eliade é precedida pela de Otto (2007), que havia proposto, primeiramente, uma revisão do uso do termo

*sagrado*, ou *heilig*, que passou a significar santidade/bondade, mas que originalmente deve ser compreendido como aquilo que está além do natural. O enfoque de Otto, no entanto, era aquilo que o fenômeno religioso comporta de *irracional*, isto é, o caráter do sagrado - ou numinoso<sup>46</sup>, como prefere chamar - de transcender a razão e racionalização humana. O irracional, nessa perspectiva, não diz respeito ao que está abaixo da capacidade de raciocínio, como os instintos naturais, mas, pelo contrário, ao que está acima da razão humana. Essas considerações dentro das Ciências da Religião reforçam o que foi dito nos estudos do DR como um discurso autoritário e sobre o desnivelamento hierárquico que o caracteriza (ORLANDI, 1996).

Dos atributos irracionais do sagrado elencados por Otto (2007) são evidentes, na obra analisada, os aspectos *tremendum* — que inspira temor; *mysterium* — que se revela como “o totalmente outro”, sempre oculto, impossível de ser plenamente apreendido pela mente humana; e *fascinans* — que atrai o homem e lhe inspira devoção. O trecho a seguir demonstra esses atributos de forma bastante clara na voz do locutor (narrador-personagem), evidenciando o discurso religioso

Existem *símbolos* que mesmo aos mais entrincheirados racionalistas suscitam temores inexplicáveis. Eles nos fazem pensar sobre que estranha associação pode haver entre uma imagem exterior e os nossos medos mais profundos. E quando ela, em vez de repelir, *nos atrai e prende*, com laços invisíveis de *fascínio e espanto*, então nos vemos desconcertados diante do *mistério*. E mais assustados ficamos quando percebemos que sua imagem não está diante dos nossos olhos, e sim por trás deles, em algum ponto de nós mesmos. (RIBEIRO, 2004, p. 30, grifos nossos)

Os atributos irracionais do sagrado afirmam, portanto, sua superioridade ao homem, que, incapaz de apreender totalmente pela razão o numinoso, tem como única alternativa a aceitação de sua limitação e o assujeitamento (ORLANDI, 1996), pelo sentimento de criatura (OTTO, 2007). Essa noção da autoridade do sagrado é fundamental para os estudos sobre os efeitos sociais da religião, que incluem, sobremaneira, o funcionamento do discurso religioso.

---

<sup>46</sup> Otto (2007) utiliza o termo *numinoso*, com origem no latim *numem*, para se referir ao aspecto do *sagrado* como uma experiência não racional, não sensorial e exterior ao homem, para distinguir este conceito do uso recorrente do termo *sagrado* com o significado limitado de “perfeição moral”.

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

Nos pensamentos do personagem do jornalista sobre sua nova jornada, o sentimento de fascínio e curiosidade é contraposto não somente pelo medo, mas também, por vezes, por uma descrença insistente que o impele à descoberta do mistério. O excerto a seguir apresenta esse sentimento paradoxo, maniqueísta:

"O que me incomoda", pensei, no silêncio da minha obscuridade, "é esta solidão que me assola, e essa incerteza... essa vontade de ficar e de partir; esse misto de fascínio, curiosidade e descrença; esse mar e esse útero, tão diversos, que me chamam. A ação e a imobilidade; a palavra e o silêncio; a vida e a morte..." (RIBEIRO, 2004, p. 69)

As metáforas se uniram a outra figura de linguagem que caracteriza o discurso religioso: a antítese. Orlandi (1996) explica que, para o funcionamento do DR, assume-se a noção de que existem dois pólos: o espiritual e o terreno, sendo o primeiro superior ao segundo. O uso das antíteses evidencia a divisão das duas dimensões, relacionando, geralmente, a espiritual como positiva e a terrena, carnal, profana, como negativa. Faz parte da autoridade do DR a superioridade e positividade relacionada ao plano espiritual. No texto acima, a coragem e a decisão de encarar a jornada, que é física, mas acima disso, simbólica e religiosa, está ligada aos itens lexicais *partir, fascínio, curiosidade, mar, ação, palavra, vida* (como símbolo de expansão). Do lado oposto, a negação do mito e racionalização humana está ligada aos itens lexicais *ficar, descrença, útero, imobilidade, silêncio e morte* (como símbolo de introspecção).

No decorrer do enredo, é constante a luta paradoxal e interna do jornalista entre emoção e razão, ficção e realidade, misticismo e ceticismo, marcados pela sua submissão ao mistério, ou seja, a algo místico, sobrenatural que ele a todo o tempo tenta desvendar.

### **5.4 O discurso religioso pós-moderno e o eu como elemento sagrado**

A busca pelo Graal está relacionada à procura pela verdade, por algo que é transcendente e permanente, e esse desejo marca o tom discursivo religioso da obra ainda antes de a jornada em busca do Graal começar, quando o personagem apresenta sua inquietação diante das diversas ideologias e pensamentos transitórios, identificados no trecho a seguir:

A história da humanidade, e de cada homem individualmente, está repleta desses detalhes, referidos levemente entre uma e outra análise pretensamente profunda. São fatos menosprezados ou simplesmente ignorados, por vezes tomados como meros acidentes ou coincidências, mas que, se prestarmos atenção deles poderemos ver, digamos assim, nas entrelinhas, ante cimentos significativos, e por vezes decisivos, justamente onde as pessoas, em geral, acreditam não existir nada de interessante. A história, para essas pessoas, já não é uma dança cósmica plena de significados, e sim uma expressão miúda das idéias preconcebidas daqueles que as escrevem e dos que as lêem. Na realidade, são menos objetivas, no sentido de uma revelação da realidade humana, do que os mitos da antiguidade. E infinitamente mais pobres. Preconceitos soterrando preconceitos, ideologias sepultando ideologias... e a verdade, onde está? (RIBEIRO, 2004, p. 20)

Segundo Bauman (1998), a incerteza e a subjetividade são características da experiência pós-moderna, em contraste com as aparentes certezas do mundo pré-moderno e com a criticidade e objetivismo da modernidade. Essa agonia e desejo do jornalista pelo reencantamento da realidade humana é contraposta pelos seus medos e sua tendência à incredulidade que é, na verdade, uma tentativa de equilíbrio. Essa tentativa de equilíbrio resulta em algumas oscilações entre crença e descrença na própria jornada. Por isso, o personagem enfrenta uma constante incerteza e uma individualidade que marcam a sua aventura, impossibilitando traçar uma linha divisória entre o real e o imaginário/ficcional. Essa é uma característica do fator psicológico do personagem, que se esforça para manter a razão, desde que teve contato com seus mentores, o Professor Ricardo e Helena:

Profundamente absorto nos meus devaneios [...] pensando na possibilidade de ir mesmo até o fundo do cânion e esclarecer de uma vez por todas as elucubrações do estranho professor e sua filha sobre aquela história do Santo Graal. Talvez assim, pensei, poderia encontrar o significado de sonho que se repetia e das estranhas ocorrências que só podiam ser fruto da minha imaginação exacerbada. [...] Os elementos, que naquele mesmo instante pareciam estar ali me observando, nada mais eram do que projeções da minha fantasia que, por um processo alheio à minha vontade, ameaçavam ganhar autonomia tornando-se uma realidade indesejável. Então pensei uma frase, que logo depois disse em voz alta, desejando com todas as minhas forças acreditar no que dizia.

— **Os duendes sou eu!**

Ouvi então, com horror, uma voz que se levantava às minhas costas e num eco repetia: "**Os duendes sou eu! Os duendes sou eu!**" (RIBEIRO, 2004, p. 55, grifos nossos)

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

A identificação do personagem com a própria jornada e os elementos que participam dela é confirmada quando o desfecho da obra se aproxima. Na realização do ritual do templo, a expressão “sou eu” se repete algumas vezes:

A atmosfera está tensa de solenidade. Reúne-se, na Terra e no Céu, toda uma multidão de espectros, invisíveis, mas quase palpáveis, em sua expectativa.

**"Só eu sou todos"**, penso. E todos os presentes assentem silenciosamente, delegando-me o poder para celebrar o que me cumpre. Toco o leve cálice da flor, com as duas mãos postas, e beijo-a com amor. Sinto seu cheiro penetrar-me as narinas, sua forma e cor entrarem por meus olhos. **A flor sou eu. Eu sou a flor.** (RIBEIRO, 2004, p. 205, grifos nossos)

Segurando firme o cajado, finco-o no chão e levanto-me. Com a luz do sol que retorna, vejo surgir ao longe as ruínas do templo, e entre mim e elas, o homem que me olha. Observo-o surpreso. **O homem sou eu!**

— Você? (RIBEIRO, 2004, p. 207, grifos nossos)

O discurso do encontro consigo mesmo e o encontro com o sagrado se tornam uma só experiência, a experiência individual (ou autoconhecimento), o seu eu-interior, marcado, exclusivamente, pela tendência espiritual pós-moderna que dispensa uma instituição mediadora do sagrado. De fato, o discurso do Santo Graal no romance *Abismo* é recebido como a ideologia do autoconhecimento, ou a capacidade de criação e interpretação da própria aventura ou da própria experiência no mundo. Essa perspectiva do sagrado, voltada para a individualidade e distante das tradições e dogmas antigos, demonstra um ponto de vista pós-moderno da jornada religiosa, a partir de uma nova hermenêutica. Ao mesmo tempo, a pluralidade e mistura de tradições também é parte da religiosidade pós-moderna, que caracteriza o hibridismo cultural, seguindo os estudos de Hall (2006). A não afirmação de uma traição específica e a subjetividade constituem, assim, um fator ideológico essencial ao discurso religioso do romance.

### *Considerações finais*

As análises mostraram que a presença do DR do mito do Santo Graal na obra *Abismo* é ricamente constituída pelas relações dialógicas, intertextuais e interdiscursivas, que fazem referência a diferentes culturas

religiosas. No discurso literário de *Abismo* é possível perceber o dialogismo com o discurso religioso do Santo Graal e com outras produções literárias, porque é próprio do discurso romanesco a projeção de discurso-resposta, presente na própria concepção de objeto do discurso.

O mistério do Graal pode ser interpretado na obra como o conhecimento, e, mais especificamente, o autoconhecimento, dialogando, dessa forma, com a tradição literária das formações ideológicas tradicionais acerca do Santo Graal. Essa concepção apresenta a ideologia do conhecimento, ou seja, que o significado do mito está presente nos enunciados de *Abismo*. Na busca do Santo Graal, há sempre a recorrência a certas ideias ou conhecimentos prévios adquiridos de outras leituras ou da própria aprendizagem do homem acerca do Sagrado. A princípio, ele se apresenta superior ao homem, que, incapaz de objetificar o numinoso, tem como única alternativa a aceitação de sua limitação e o assujeitamento como bem apontou Orlandi (1996) e Otto (2007) em nossas análises. Pudemos perceber isso no sentimento de fascínio; às vezes, paradoxo e maniqueísta, contraposto não somente pelo medo, mas também, por vezes, por uma descrença insistente que o impele à descoberta do mistério.

A nosso ver, em *Abismo*, está presente a marca da pós-modernidade na abordagem da experiência religiosa, caracterizada pelo discurso da individualidade e subjetividade e pelo discurso da desconstrução da ideia de uma tradição religiosa pura, ou um caminho único para o sagrado. Além disso, as marcas do DR presentes no romance incluem o uso de antíteses, metáforas, frases em latim e linguagem cristalizada. A imagem do abismo, que, dentro do discurso religioso no romance, é uma metáfora ou símbolo, remete à profundidade do Mistério do sagrado, bem como à profundidade do próprio eu.

Há, também, por trás do discurso do “eu”, uma ideologia individualista da experiência com o sagrado que está dentro de si mesmo, bastante presente no mundo contemporâneo, cujas religiões não saíram ilesas. O homem pós-moderno, seja ele religioso ou a-religioso, assujeitado pelas formações discursivas neo-capitalistas, constitui-se como sujeito que tende a individualizar suas experiências, sejam elas místicas ou ideológicas. A importância dessa obra e do olhar sobre ela, pelo viés do DR, consiste numa possibilidade de compreender a concepção contemporânea de algumas

## *Linguagem, Cultura e Ensino*

questões religiosas, tais como: O que seria o Sagrado? Como seria a experiência com o Sagrado? E o que motiva a necessidade que o sujeito moderno ou pós-moderno tem em procurar o Sagrado e se reconectar com ele?

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16 ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 71-210.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de., FIORIN, José Luiz. (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 1-9.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DUSILEK, Sergio Ricardo Gonçalves. Religião e Literatura: Uma leitura a partir de Erich Auerbach. In: *Teoliterária*. v. 7, n. 14, 2017.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KALLARRARI, Celso. *Religião e Literatura: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos*. Projeto de Iniciação à Pesquisa. UNEB, ano de 2020-2021.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 65-95.

LOPES, Edward. Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de., FIORIN, José Luiz. (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 63-81.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*. Teologia e literatura em diálogo. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de. (org.). *Análise do discurso e Literatura*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005, p 17-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MONGELLI, Lênia Márcia. Apresentação. In: PYLE, Howard. *Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAS NEVES, Joaquim Carreira. Gnosis–Gnosticismo. Uma Introdução. In: *Cadernos do Ceil*, Lisboa, v. 1, p. 109-133, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. 4 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso*. Princípios & procedimentos. 3ª ed. Campinas: SP, 2001.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

O SANTO Graal: Em Busca do Tesouro Sagrado. History Channel Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-hX-19G9mRQ>.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). Tradução: Jonas de A. Romulado. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 311-318.

*Linguagem, Cultura e Ensino*

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Discurso Religioso: funções e especificidade. In: *SOLETRAS*, Ano VII, n° 13. São Gonçalo: UERJ, 2007.

RIBEIRO, Carlos. *Abismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

SILVA, Tatiana Rita da. *Do Cânone à Criação*: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes de São Paulo – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 130, 2006.

YESHUA, Carlos Souza (org). *Dicionário de Escritores Contemporâneos da Bahia*. Prefácio de Germano Machado. Salvador: CEPA: Círculo de Estudo, Pensamento e Ação, 2015.